



44º Boletim RedINET-Brasil

O número 44 do Boletim RedINET-Brasil foi elaborado em maio, mês bastante simbólico para a matemática. Em 06 de maio comemorase o dia Nacional da Matemática, em 12 de maio o dia internacional das mulheres na Matemática. Este último coincide com a data de falecimento de Ubiratan D'Ambrosio. Assim, esta edição traz artigos que discutem a participação feminina na Matemática/Etnomatemática e artigos que retratam homenagens à Ubiratan, além de uma menção ao pesquisador Dirceu Zaleski Filho.

Informes sobre eventos científicos, CEMAT e revistas complementam a edição.

Coordenação RedINET-Brasil.

Uma breve homenagem

Dirceu e Ubiratan
GAU 2016
Amaro Fotografia



Dirceu Zaleski Filho faleceu em 3/4/2024. Autor de livros e materiais didáticos, mestre em *Educação, Arte e História da Cultura* e Doutor em *Educação Matemática* sob orientação de **Ubiratan D'Ambrosio** que nos deixou há três anos, em 12/5/2021.



7º CBEm

Congresso Brasileiro de Etnomatemática

As dimensões da Etnomatemática na valorização das identidades socioculturais

Macapá - AP • 17 a 20 de setembro de 2024

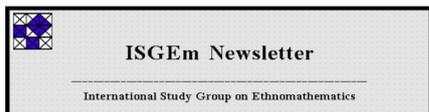
Já se inscreveu?

<https://www.even3.com.br/7-congresso-brasileiro-de-etnomatematica-cbem-324105/>

ISGEm Newsletter:

acesse o último volume!

https://www.etnomatematica.org/home/wp-content/uploads/2024/05/ISGEm_Newsletter_22_1.pdf



ISGEm Newsletter

International Study Group on Ethnomathematics

Volume 22

Number 1

May 2024

ISBN 978-65-00-21695-0

Editor: Milton Rosa



Ecossistemas tecendo presente e futuro: Os saberes das mulheres Enawenê Nawê

Olá. Eu sou Ernesta da Silva Araujo, educadora pesquisadora no contexto da educação indígena, em Mato Grosso. Minha experiência como professora do Povo Enawenê Nawê foi marcada por desafios significativos. Inicialmente, atuei como alfabetizadora do ensino fundamental I e, posteriormente, com Educação de Jovens e Adultos (EJA) feminino.

Uma das principais barreiras foi a linguística, uma vez que não sou fluente na língua Enawenê Nawê, enquanto as mulheres e crianças da comunidade não são falantes do português. A comunicação foi estabelecida de forma intuitiva, por meio de gestos e falas que se conectam, permitindo uma interação significativa.

Durante minhas primeiras imersões na aldeia, pude observar a carência de registros dos saberes tradicionais femininos, cujos rituais são repletos de práticas socioculturais. Isso despertou meu interesse em compreender os saberes e fazeres presentes no ritual Kateokô do Povo Enawenê Nawê, visando contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dessa comunidade e estabelecer um elo entre os conhecimentos indígenas e os saberes escolares.

É fundamental ressaltar o papel das mulheres Enawenê, que trazem saberes e fazeres que desafiam estereótipos e enriquecem a compreensão sobre a interseção entre gênero, cultura e educação. Nesse contexto, surgiu a inquietação sobre como os conhecimentos produzidos no interior do ritual Kateokô, pelas mulheres Enawenê Nawê, ecoam no cotidiano da comunidade.

Em 2023 ingressei como aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), com a proposta de pesquisa "Saberes e Fazeres das Mulheres Enawenê Nawê Presentes no Ritual Kateokô", tendo como orientador o professor Dr. Adailton Alves da Silva.

Assim, minha experiência com a comunidade Enawenê Nawê e as mulheres que lutam e contribuem para a ciência tem sido inspiradora, motivando-me a buscar uma educação mais inclusiva e igualitária, onde todos tenham a oportunidade de aprender. A presença das mulheres na ciência é fundamental, pois elas trazem consigo uma diversidade de perspectivas que enriquecem o campo científico. Suas experiências únicas, resultantes de vivências e desafios pessoais e coletivos, podem levar a abordagens inovadoras e descobertas surpreendentes.

Além disso, a presença feminina na ciência é crucial para o avanço da igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade. Ao se destacarem em áreas historicamente dominadas por homens, as mulheres cientistas inspiram outras mulheres e meninas a seguirem seus interesses e perseguirem seus sonhos, independentemente das expectativas sociais. Esses aspectos destacam a importância não apenas de reconhecer o papel das mulheres na ciência, mas também de apoiar ativamente sua participação e liderança nesse campo, promovendo assim uma sociedade mais igualitária e inclusiva para todos.

Mulheres Invisibilizadas: o quem da ação que não é reconhecido

Carolina Pereira Aranha



No Tomo III da obra *Tempo e Narrativa*, Paul Ricoeur nos diz que as identidades de um indivíduo ou de uma comunidade são constituídas a partir das narrativas que compartilhamos.

Segundo este filósofo é por meio das narrativas que aprendemos como agir, é por meio delas que depuramos nosso modo de ser. Assim, nossa identidade narrativa diz do quem da ação, diz quem é seu agente, seu autor, conta a história de uma vida. Então, pergunto: E quando certos personagens não compõem as narrativas que escutamos/lemos? Como acessá-las? Elas deixam de existir por não estarem presentes nessas narrativas? E quando as características imprimeadas/destinadas a essas personagens perpetuam estereótipos e silenciam corpos distintos? O que fazer? Talvez, você consiga pensar em outra resposta, mas compartilho aquela que inunda meu ser neste momento: é preciso semear e disseminar novas narrativas, até que essas passem a fazer parte de nossa nova identidade, individual e coletiva. Uma identidade que carregue consigo preceitos de equidade, solidariedade e sustentabilidade, em prol da construção de um mundo mais justo. É preciso assim, permitir que essas personagens tenham voz e vez, que seus saberes sejam reconhecidos, bem como, sua potencialidade em desenvolvê-los. Refiro-me, particularmente, às mulheres, mas, mulher não é uma categoria universal. Podemos assim, falar de muitas mulheres, mulheres africanas, mulheres latinas, mulheres sulistas, mulheres nordestinas, dentre outras. Faço um convite, no entanto, para olharmos para mulheres invisibilizadas. Que mulheres são essas? São muitas. São aquelas que não fazem parte das histórias narradas como o quem da ação, são mulheres mães de famílias, mulheres na ciência e na matemática, professoras, mulheres indígenas, mulheres negras, mulheres camponesas e quebradeiras de coco, dentre tantas outras que não enxergamos, pois a luz não chega até seus corpos para que possa ser refletida gerando uma imagem real. São mulheres de saberes matemáticos diversos, que os movimentam diariamente, sem que haja reconhecimento do outro e, muitas vezes, de si próprias diante de sua grandiosidade e das ações por elas efetuadas/traçadas, silenciadas pela sociedade capitalista, patriarcal e racista em que vivemos. Desse modo, fica evidente que é preciso contar novas histórias sobre nós mesmas e sobre outras mulheres, para que o universo seja refigurado, para que possamos existir, para que sejamos reconhecidas como mulheres que agem, que constroem conhecimentos, mulheres que sabem.